Jefferson Alves

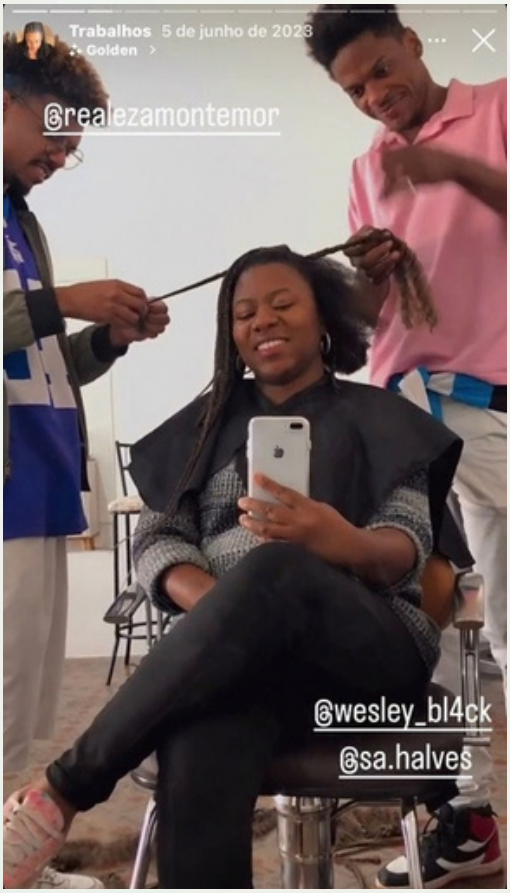
Trancista há 10 anos, inicialmente aprendi esse oficio com minha mãe que também é trancista, mas não profissionalmente. Cresci vendo minha mãe trançando o cabelo das minhas primas, tias e vizinhas. Resolvi então fazer desse ritual familiar o ofício de minha vida.

O ofício de trancista é uma prática ancestral de grande valor cultural, social e identitário para as populações afrodescendentes. Mais do que uma atividade estética, trançar cabelos é um ato de preservação da memória africana, de cuidado coletivo e de resistência contra os padrões eurocêntricos de beleza.

O trancista é um artista e também um educador informal, que transmite saberes, técnicas e histórias por meio das mãos. Seu trabalho envolve o domínio de estilos variados — tranças, nagô, box braids, twist, entre outros — e requer sensibilidade, escuta e vínculo com a pessoa atendida. No contexto das culturas afro-brasileiras, o trançar é também um ritual de afirmação e pertencimento.

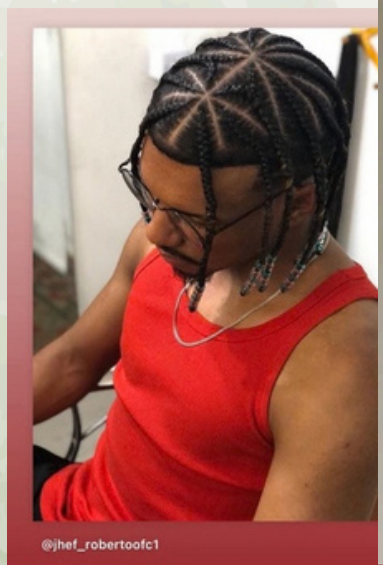
Reconhecer o trabalho do trancista como parte do patrimônio imaterial é fundamental para a valorização das culturas negras, para o fortalecimento da autoestima da população negra e para o combate ao racismo estrutural que ainda marginaliza corpos e saberes afros.

Não herdei só o ofício de trancista da minha família. A religiosidade sempre foi muito presente no lar ao qual cresci. Sou iniciado no candomblé 9 anos zelando das tradições religiosas e culturais da casa ao qual faço parte, mais especificamente das vestimentas, a partir desse contato com o vestir dos Orixás que surge meu interrese pela moda e o afrofuturismo. Militante do movimento negro e LGBTQIAPNA+

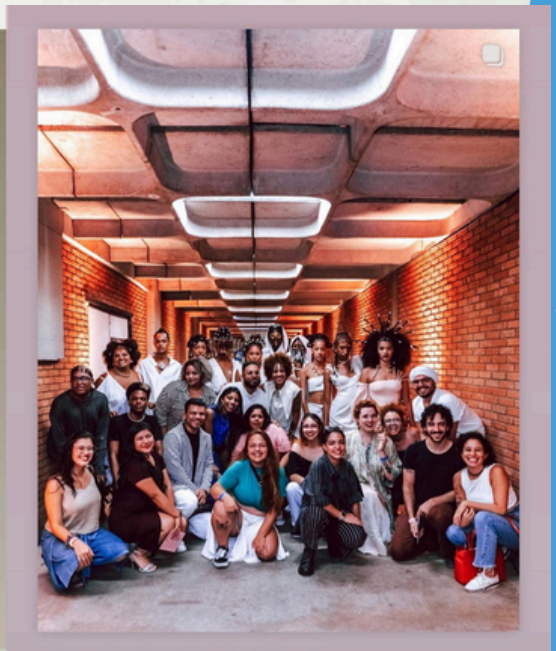

Trabalhos 5 de junho de 2023
Golden
@realezamontemor
@wesley_bl4ck
@sa.halves


@jhef_robertoofc1
A nagô...




@jhef_robertoofc1


xaibraids
BACKSTAGE
@volatbrand


@senaclapafaustolo e @volatbrand